



MONOGRAFIAS

1



CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

Monografias AAP

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Carlos Quaresma, João António Marques

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

M. Bustamante

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-972-9451-55-3

Depósito legal

396123/15

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto constructivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão
José Carlos Quaresma, Vítor Dias
- 105 A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa

UM CONTEXTO DO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO II: A VALA DO ESTACIONAMENTO DE AMMAIA, SÃO SALVADOR DE ARAMENHA, MARVÃO

José Carlos Quaresma¹, Vítor Dias²

¹ Bolseiro de Pós-doutoramento FCT. Investigador do CIDEHUS (Un. Évora) e da UNIARQ (Un. Lisboa) / josecarlosquaresma@gmail.com

² Bolseiro de Doutoramento FCT. Investigador do CIDEHUS (Un. Évora) / vitorsilvadias@gmail.com

Resumo

A vala do estacionamento de *Ammaia* é um contexto exterior à muralha urbana, cujo enchimento se data entre 125 e 150 d.C.. A sua escavação realizou-se entre 2002 e 2006, sob a coordenação de Sérgio Pereira. Na investigação em curso dos signatários, foi possível contabilizar 114 fragmentos de cerâmicas finas e 39 de cerâmica comum, correspondentes a 48 e 29 indivíduos, respectivamente. Este contexto revela-se, pelo seu elevado grau de fiabilidade estratigráfica e estatística, de enorme importância para a caracterização comercial do interior lusitano num segmento cronológico do século II. Permite igualmente traçar vectores tipológicos para esse quadro temporal.

Palavras-chave: *Ammaia*, *Lusitania* central, 125-150 d.C., Conjunto cerâmico.

Abstract

"Vala do Estacionamento" (*Ammaia*) is a context in the outer area of the urban ramparts, whose filling is dated to 125-150 AD. Its excavation has taken place between 2002 and 2006, under the supervision of Sérgio Pereira. In the on-going research of the authors we have quantified 114 sherds of fine wares and 39 of coarse ware, respectively 48 and 20 individuals. Given its high degree of stratigraphical and statistical reliability, this context proved to be of major importance for the commercial characterization of the Lusitanian central hinterland during a segment of the 2nd c. AD. Furthermore, it has allowed the outline of typological vectors for that chronological framework.

Keywords: *Ammaia*, Central *Lusitania*, 125-150 AD, Ceramic assemblage.

1. INTRODUÇÃO

A cidade romana de *Ammaia* (São Salvador de Aramenha, Marvão) situa-se na franja da Serra de São Mamede, em pleno interior centro da província lusitana e na esfera da capital *Augusta Emerita*, com quem desenvolve uma intensa actividade económica no Alto-Império (Quaresma, no prelo b). Ter-se-á tornado *civitas* em 44-45 d.C. e *municipium* entre esta data e 166 d.C., época da epígrafe que atesta esse estatuto, sendo plausível uma cronologia flávia para essa promoção, já que os seus municípes foram integrados na tribo *Quirina*. Aliás, nessa época, Plínio refere a extracção de cristal de rocha nos montes ammaienses (Guerra, 1995 – *Plinius, Hist. Nat.*, 37, 24; Mantas, 2000; 2010; Guerra, 1996).

O presente artigo resulta da fusão de conclusões em curso, a partir da investigação que ambos os signatários estão a desenvolver enquanto bolseiros de pós-doutoramento e doutoramento da FCT, acerca das cerâmicas finas e comuns do sítio, respectivamente. Este trabalho conta com a actual orientação de Carlos Fabião tendo sido, entre 2010 e 2011 orientado por Frank Vermeulen. Este investigador, a par de Cristina Corsi, conduziram um vasto projecto de investigação para a cidade romana, com o recurso a métodos de prospecção não intrusiva, prospecção tradicional e escavação. O programa, de título *Radio-Past*, decorreu em paralelo à prossecução das nossas bolsas individuais e produziu uma série de publicações, das quais podemos destacar: Vermeulen; Corsi; De Dapper (2012); Vermeulen; *et Al.* (2005); Vermeulen; Taelman (2010); Corsi; *et Al.* (2013).

2. A “VALA DO ESTACIONAMENTO”. UM CONTEXTO DO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO II. METODOLOGIA, CONTEX- TUALIZAÇÃO ESPACIAL, ESTRATIGRÁFICA E ARTEFACTUAL

Ao nível metodológico, quantificámos totalmente os espólios de cerâmica fina presentes no contexto (*terra sigillata* e lucernas), bem como a cerâmica comum. Aplicámos em ambas as categorias o cálculo



Figura 1 – Localização aproximada de *Ammaia* na Península Ibérica.

do número de fragmentos e do número mínimo de indivíduos, segundo os protocolos enunciados em Raux (1998). Aplicámos igualmente o cálculo dos graus de residualidade (tipos cuja cronologia tipológica é anterior à do contexto) e de intrusibilidade (tipos cuja cronologia tipológica é posterior à do contexto, estando presentes por infiltração posterior à formação do contexto). Os valores de residualidade obtidos para as cerâmicas finas e comuns, respectivamente de 4,1 e 10%, conferem a este contexto um excelente grau de fiabilidade, reforçado por uma nula intrusibilidade.

O conjunto foi exumado na sequência dos trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos entre 2002 e 2006 por Sérgio Pereira (Pereira, 2009, p. 99). Corresponde a um contexto estratigráfico associado à anulação e conseqüente enchimento de uma vala com perfil em “v”, construída paralelamente à muralha da cidade de *Ammaia*, na área do actual parque de estacionamento. A atenção atribuída a este contexto estratigráfico surge na continuidade dos interessantes resultados alcançados pela investigação das cerâmicas finas. Cedo se perspetivou uma profícua relação que cerâmicas finas e cerâmica comum poderiam obter num contexto balizado no segundo quartel do século II.

Sérgio Pereira (Pereira, 2009) autor da escavação arqueológica que está na origem da exumação dos materiais agora estudados considera que a construção da via paralela à muralha da cidade terá originado a demolição da construção interpretada

como habitação ou oficina (Pereira, 2009, p. 100), sendo a construção da vala (também designada como fosso-cloaca) com perfil em “V”, praticamente simultânea à construção da muralha (Pereira, 2009, p. 104). O mesmo autor afirma ainda que «o preenchimento da vala foi efetuado com entulhos resultantes da demolição total ou parcial da construção identificada em B 1 e B 2» (Pereira, 2009, p. 102). Em síntese, interessa destacar que segundo

esta fonte, a maioria do material cerâmico agora estudado proveniente da vala fará parte das estruturas murais romanas demolidas e identificadas em E 1, E 2 e E 3, como estrutura habitacional ou oficial. Ponderando a proximidade espacial, no caso da cerâmica comum, serão sobretudo os materiais cerâmicos exumados dos quadrados A 2 e A 3, provenientes do estacionamento 1, que correspondem a esta indicação.



Figura 2 – Plano das ruínas de Ammaia, com localização aproximada (estrela) da vala do estacionamento (imagem: Fundação Cidade de Ammaia).



Figura 3 – Foto da vala do estacionamento (Pereira, 2009).

A amortização da vala, ao assinalar transformações urbanísticas relacionadas com a perda de função da estrutura negativa, possibilita simultaneamente a associação sincrónica do uso das morfologias e tecnologias cerâmicas ali depositadas. A nova funcionalidade do espaço urbano periférico da muralha, apesar de confirmar o termo *post quem* da vala, não significará certamente o mesmo para o uso das cerâmicas comuns. Todavia, indica a não funcionalidade do conjunto aquando do enchimento da vala. Somente assim se percebe a presença destes fragmentos cerâmicos que curiosamente revelam menor índice de fragmentação do que o restante

universo cerâmico exumado na área intramuros da cidade de *Ammaia*. A obtenção de fragmentos de cerâmica comum com dimensão considerável e de perfis quase completos, resultando em diversas colagens, regista-se neste contexto estratigráfico devido à selagem da vala, reforçando a possibilidade de se terem quebrado num momento não muito anterior ao aterro.

Já o espólio da zona intramuros da cidade regista um índice de fragmentação consideravelmente maior, demonstrando também um maior rolamento. Associa-se a esta característica do registo cerâmico a maior nitidez dos elementos decorativos da cerâmica comum, mesmo quando se trata de polimentos ou incisões ligeiras (veja-se, por exemplo, os nºs 36, 37 e 41).

O carácter fragmentado e danificado dos recipientes terá atribuído um inevitável valor aleatório à relação morfológico-funcional e tecnológica das unidades presentes neste contexto estratigráfico. Apesar disso, de modo a possibilitar posteriores comparações com todo o universo de cerâmica comum, identificado na zona intramuros e na área de influência geográfica ammaiense, identificam-se formas, fabricos e funções, como os critérios estruturais da presente análise.

A coerência cronológica atribuída a este contexto estratigráfico pelas cerâmicas finas permitiu, não só datar com rigor o momento de enchimento da vala, como atribuir valores cronológicos precisos às formas e fabricos da cerâmica comum. A multiplicação desta interação entre cerâmicas finas e comuns poderá possibilitar no caso ammaiense, o gradual e desejado afinamento da cronologia do segundo dos conjuntos cerâmicos.

3. CERÂMICAS FINAS: FONTE DE DATAÇÃO DO CONTEXTO

No que toca às cerâmicas finas, esta UE denominada “vala do estacionamento” possui três produções de *sigillata* com escassos fragmentos (2% cada uma): as produções itálica e sudgálica são já residuais, mas a hispânica de Andújar estará ainda em circulação

coeva (veja-se, por exemplo, as evidências estratigráficas da primeira metade do século II para a circulação hispânica em mercados de consumo do litoral lusitano, como *Mirobriga* ou Ilha do Pessegueiro: Quaresma, 2012; no prelo c; Silva; Soares, 1993). Verifica-se também a ausência de paredes finas, nomeadamente emeritenses, abundantes nas fases anteriores do sítio (Quaresma, no prelo b), sinal de provável fim da sua produção. Nesta fase estratigráfica, a *terra sigillata* (91,4%) é assim hegemónica nos materiais finos, mas o século II é de difícil caracterização comercial e cronológica, devido à ausência de importações de *sigillata* africana A, fenómeno recorrente nos sítios interiores desta época (Quaresma, 2012, capítulo 4). O tipo Hayes 8A atinge porém *Augusta Emerita*, já na década de 80 do século I (Bustamante, 2010, p. 169).

A datação deste contexto em estudo é-nos dada assim por uma forma hispânica, mas sobretudo por uma marca em *terra sigillata* igualmente de oleiro hispânico, discutida *infra*.

A principal produção de *terra sigillata* é a de La Rioja, dominada pelo prato Drag. 15/17, seguido pela tigela Drag. 27. Os diâmetros no prato Drag. 15/17 variam entre 210 e 280mm. Apenas dois casos possuem canelura externa ao bordo, sendo a maioria composta por bordos lisos. O perfil da Drag. 15/17 (nºs 1-3) encaixa na morfologia mais tardia, definida por Mayet (1984), tal como a Drag. 27 (nºs 4-5), com quartos de círculo superiores pouco encurvados e diâmetros relativamente pequenos (110 e 93mm).

A Drag. 37a enquadra-se no estilo de círculos (Saéñz Preciado, 1998, p.154-155). Um indivíduo não desenhado apresenta círculo grande; o nº 8, com 180mm de diâmetro e perfil ligeiramente carenado, possui dois frisos de círculos concêntricos com motivo vegetal no interior, alternados com motivo vegetal (folha no inferior e roseta no superior) (ver Bustamante, 2010, est. 257, nº 4, para o motivo no interior do círculo); o nº 9, de perfil esvasado, possui friso superior de círculos com roseta de cinco pétalas no interior (ver Bustamante, 2010, est. 223, nº 4 e est. 222, nº 3).

Quanto às morfologias hispânicas lisas, a Hisp. 17 (210mm de diâmetro) possui roleta sobre a aba oblíqua e asa cega apensa ao lábio da aba (nº 6). A Hisp. 77, taça larga, com 340mm de diâmetro (nº 7), está datada no *Suburbio Norte de Augusta Emerita* (Bustamante, 2010, p.756) entre 110 d.C. e 180 d.C., o que confere desde logo uma cronologia do século II ao nosso contexto.

La Rioja é também hegemónica ao nível das marcas de oleiro, com um total de seis. A primeira é uma cartela rectangular com marca ilegível (tigela). A segunda possui o texto OF[, com cartela rectangular de lados menores côncavos (Drag. 15/17); a terceira possui cartela rectangular sinuosa de lados menores arredondados (taça), com texto anepígrafo EX O IIIIIA (?), do qual a única parte clara é a expressão EX O(fficina), sendo o nome do oleiro indecifrável (nº 11). O quarto caso pertence ao oleiro *Sempronius* (nº 7), com marca OF.SE[em cartela sub-rectangular (Hisp. 17). Saenz Preciado e Saenz Preciado (1999, p. 124) inventariam as marcas OF SEMP e OF SEM em Drag. 15/17, 27, 18, 35 e Hisp. 4, mas nunca em Hisp. 17, sendo assim uma novidade deste oleiro do Ebro (Roca Roumens e Fernández García, 1999, p. 295). Este punção não surge no *Suburbio Norte de Augusta Emerita*, onde o oleiro está datado entre Vespasiano e meados do século II (Bustamante, 2010, p. 693).

A quinta marca é a mais importante pelo seu significado cronológico para o contexto. Pertence ao oleiro *Valerius Paternus* (Drag. 27), com cartela rectangular de lados menores arredondados e texto OFVAPA, com a letra A sempre sem haste (nº 5). Roca Romens e Fernández García (1999, p. 296) localizam este oleiro em La Rioja e Saenz Preciado e Saenz Preciado (1999, p. 130) documentam também o punção OFVAPA em Drag. 27 com este tipo de cartela. No *Suburbio Norte de Augusta Emerita* (Bustamante, 2010, p. 697), o punção OFVAPA surge a partir de Adriano e, até aos inícios do século III, representa 90% dos punções de *Valerius Paternus*. Esta marca afina a datação da UE “vala do estacionamento” no segundo quartel do século II, não sendo expectável uma cronologia posterior, em face da

ausência de *terra sigillata* africana A, que entretanto vai surgindo em vários pontos interiores (Quaresma 2012; Delgado, 1968), ou a ausência de formas mais recentes de lucernas, como as derivadas de disco ou a Dressel 28 (Bussière, 2000).

A sexta marca, com cartela rectangular e texto OFMANP, está aposta sobre fundo indeterminável (nº 10). No *Suburbio Norte de Augusta Emerita*, apenas se identificou um oleiro *Manlius* com punção EX.OF.MNL (Bustamante, 2010, p. 688). Saenz Preciado e Saenz Preciado (1999, p. 110) inventariam 4 oleiros parecidos, mas diversos do que estará presente em *Ammaia*. O punção OFMANP pertence assim a um novo oleiro, com leitura (EX) OF(ficina) MAN(lit) P(raesentis), referente a um *Manlius Praesens*.

Todas as lucernas provêm da capital provincial, *Augusta Emerita*. O tipo Deneauve 5G (nº 13, com sobremoldagem) é ainda muito importante em meados do século II, segundo Rodríguez Martín (2002, p. 212). O tipo de volutas é o mais representado numa fase onde seria de esperar uma presença importante de lucernas de disco, que estão porém ausentes. O nº 12, com três caneluras a separar a orla clássica (perfis Loeschcke I-IVb: Bailey, 1988, p. ix), exhibe também sobremoldagem e um disco com *Vitoria* frontal, com disco na mão direita (Rodríguez Martín, 2002, p. 72). O nº 14, com orla suavizada e voluta sobremoldada, possui uma única canelura a separar a orla do disco. Esta lucerna de volutas com ombro suavizado pertence ao tipo Loeschcke IV (perfis Loeschcke V-VIIIb: Bailey, 1988, p. ix; Bussière, 2000, nºs 321-499). O disco possui um Sátiro a tocar dupla flauta ou siringa, enquanto se desloca para a esquerda, com a siringa perpendicular à cabeça (Rodríguez Martín, 2002, p. 61: motivos semelhantes, mas não idênticos). Revela alguma sobremoldagem, acentuada na marca sobre o fundo do reservatório,]OP[, cuja leitura fazemos com reservas. O oleiro C.OPPI.RES trabalhou em *Augusta Emerita* entre a época flávia e os meados do século II (Rodríguez Martín, 2002, p. 212), embora também seja oriundo de Itália e tenha trabalhado igualmente no Norte de África (Casas i Genover; Soler i Fusté,

2006, p. 48-49). Falamos pois do mesmo oleiro, de sucursais, ou de cópias de uma produção famosa, em províncias distantes?

Classe	Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	
<i>Terra sigillata</i>	Itálica	Ind.	2	1	1	2	
	Sudgálica	Prato	1	1	1	2	
	Hispanica-Andújar	Ind.	5	1	1	2	
	Hispanica-La Rioja	D15/17		32	20	41	85,4
		D27		7	6		
		D37a		3	3		
		Hisp.17		1	1		
		Hisp.77		1	1		
		Tigela		8	8		
		Taça		1	1		
Ind.		44	1				
Lucernas	<i>Augusta Emerita</i>	Volutas	4	1	4	8,3	
		Loeschcke IV	1	1			
		Den. 5G	1	1			
		Ind.	3	1			
Total			114	48	48	100	
			Residualidade: 4,1%				
			Intrusibilidade: 0%				

Figura 4 – Quantificação dos materiais finos.

Catálogo

- 1 – AM-04-A-[Z19]-s/n inv. (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 15/17)
- 2 – AM-03-A-[A19]-1 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 15/17)
- 3 – AM-04-A-[Z20]-6 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 15/17)
- 4 – AM-03-A-[A2]-1 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 27)
- 5 – AM-03-A-[B16-C16]-1 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 27 – oleiro *Valerius Paternus*)
- 6 – AM-04-A-[Z19]-s/n inv. (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Hisp.77)
- 7 – AM-04-A-[Z21]-1 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Hisp.17 – oleiro *Sempronius*)
- 8 – AM-04-A-[Z20]-3 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 37a)
- 9 – AM-03-A-[A2]-9 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – Drag. 37a)

- 10 – AM-04-A-[Z20]-s/n inv. (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja - ind. – oleiro *Manlius Praesens*?)
- 11 – AM-03-A-[A4]-1 (*Terra sigillata* hispânica – La Rioja – taça)
- 12 – AM-03-A-[A2]-8 (Lucerna-*Augusta Emerita* – Volutas)
- 13 – AM-03-A-[A3]-5 (Lucerna-*Augusta Emerita* – Den.5G)
- 14 – AM-04-A-[Z19]-10 (Lucerna-*Augusta Emerita* – Loeschcke IV. Oleiro C.OPPI.RES ?)

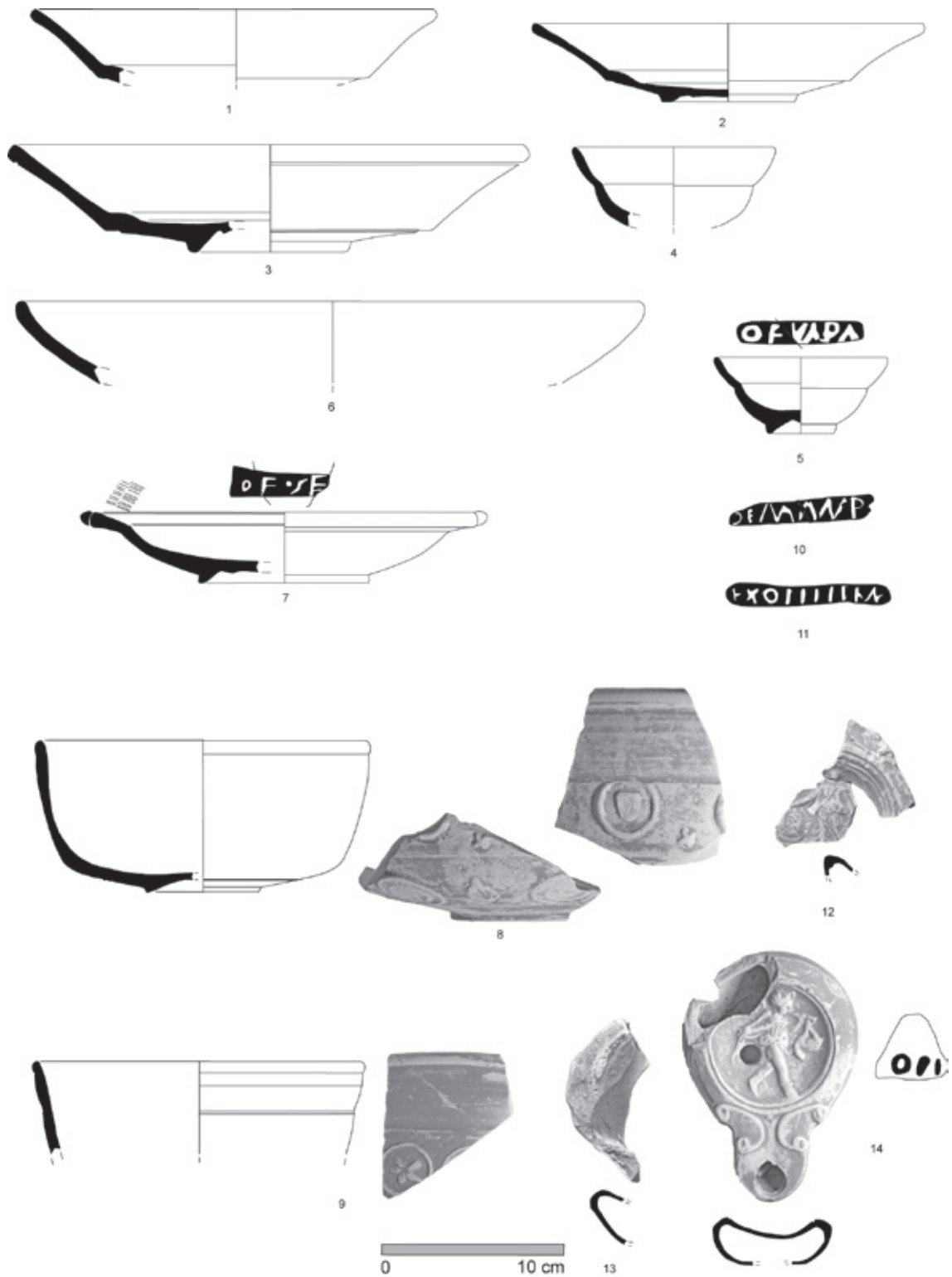


Figura 5 – Materiais finos.

4. CERÂMICA COMUM. INFORMAÇÃO MORFOLÓGICA E TECNOLÓGICA

Os dados morfológicos registam uma clara supremacia de potes (35 %), potes/panelas (16 %) e de

potinhos/púcaros (12 %), representando este conjunto 63 % do número total de formas. Todas as restantes morfologias apresentam valores iguais ou inferiores a 10 %. Destacam-se desta escassa representatividade os fragmentos de jarros (10 %), pratos covo (7 %), e alguidares (7 %).

Classe	Origem	Categoria Morfológica	Frag.	NMI	NMI %
Cerâmica comum	Local	Prato Covo	2	2	7%
	Local	Almofariz	1	1	3%
	Local e não local	Alguidar	3	2	7%
	Local	Panela	1	1	3%
	Local	Pote / Panela	9	5	16%
	Local e não local	Pote	13	9	35%
	Local	Potinho / Púcaro	4	4	12%
	Local	Jarro	4	3	10%
	Local e não local	Bilha	1	1	3%
	Local	Fundo	1	1	3%
Total			39	29	100%
Residualidade: 10 %					
Intrusibilidade: 0 %					

Figura 6 – Quantificação da cerâmica comum por origem e categoria morfológica.

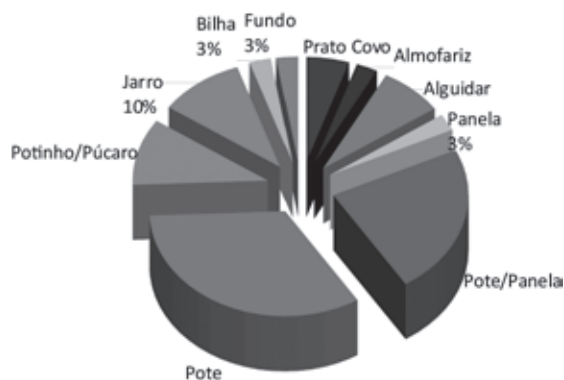


Figura 7 – Distribuição da representatividade das categorias morfológicas.

Sendo o universo cerâmico em estudo uma amostra de reduzido valor numérico, o que aconselha prudência, indicia contudo predileção pela loiça de cozinha. Estes valores poderão significar uma maior tendência para o uso deste conjunto morfológico-funcional nas imediações da vala donde foram exumados. Relembra-se nesta sequência as estruturas murais interpretadas por Sérgio Pereira como estruturas habitacionais ou oficinais. Igualmente bem representados estão os recipientes de servir à mesa como os jarros (10%) e os pratos covo (7%). Apesar da inexistência no presente contexto estratigráfico duma seleção criteriosa das formas, a representatividade morfológica parece traduzir um claro pendor para uma maior produção de potes, potes/panelas nos quadrados A 2 e A 3 e de potinhos/púcaros nos quadrados Z 19, Z 21 e Z 22.

Destaca-se das características morfológicas do conjunto a forma do pote nº 34 que apesar de muito fragmentada lembra os potes meleiros abordados por Rui Morais (Morais, 2006). Os potinhos/púcaros nº 35, nº 36 e nº 37 registam paralelos nas necrópoles alentejanas (Nolen, 1985, est. XXV nº 30, 39, 42), em *Conimbriga* (Alarcão, 1975, pl. XXVII, p. 97) e em Mérida (Sánchez Sánchez, 1992, fig. 14, nº 69-75), registando todos os paralelos cronologia flávia. A ampla disseminação desta forma com perfil ovoide, com aperto na zona superior, indicia um elevado índice de aceitação, destacando-se pela decoração polida com motivos geométricos no colo (nºs 36 e 37) e, por vezes, meandros horizontais em torno do bojo (nº 37).

A presença desta forma em contextos do segundo quartel do século II, podendo demonstrar residualidade do contexto estratigráfico, indicia igualmente a continuidade da sua utilização, no caso ammaicense, pelo menos até esta data. Os recursos decorativos de polimento do jarro nº 41, localizados entre o bojo e o bordo, aproximam este jarro dos potinhos/púcaros, nº36 e nº 37. Interessante é também a presença dos jarros, nº 39 e nº 40, de bocal trilobado, muito semelhantes entre si, permitindo associar com segurança esta forma ao contexto estratigráfico em estudo. Todos os números mencionados compreendidos entre o nº 35 e o nº 41 são provenientes dos quadrados Z 19, Z 21 e Z 22, localizando-se no estacionamento 2, a Sul da actual entrada do museu cidade de *Ammaia*.

Considerando as particularidades do contexto estratigráfico e a representatividade do conjunto, o alcance das deduções tecnológicas apresenta fragilidades semelhantes aos dados morfológicos.

O fabrico mais expressivo é o G, com 31 % dos recursos técnicos identificados. Seguem-se a longa distância o fabrico B, com 17 %, e os fabricos A, E e H2, todos com 10 %. Desta análise sobressai a natural superioridade de fabricos de origem local quando comparada com a parca representatividade do único fabrico de origem não local (fabrico E = 10 %).

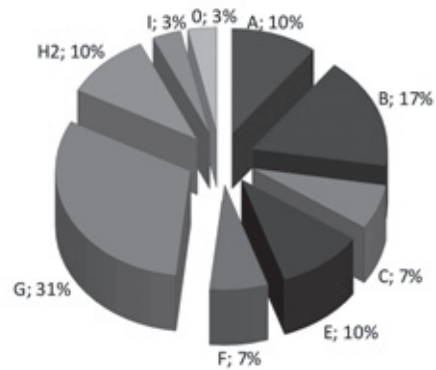


Figura 8 – Distribuição da representatividade dos fabricos.

Recapitulando as ilações do autor da escavação e tomando como válida a simultaneidade da muralha e da vala defendida por Sérgio Pereira, terá sido a posterior abertura de uma estrada paralela à muralha a mudança estrutural que originou a anulação do fosso-cloaca e a consequente demolição de estrutura habitacional ou ofical contígua. Perante esta sequência construtiva acrescentam-se os dados cerâmicos. Partindo da convicção do autor de que o material da estrutura demolida terá funcionado como sedimento de aterro para a vala, ambos os momentos (demolição e aterro) serão contemporâneos (segundo quartel do século II).

O significado cronológico dos dois conjuntos de cerâmica comum (estacionamento 1: quadrados A 2 e A 3; estacionamento 2: quadrados Z 19, Z 21, Z 22), separados espacialmente cerca de 15 metros, é idêntico. Todavia, são distintas as ilações morfológico-funcionais. O primeiro grupo corresponde maioritariamente a potes, potes/panelas e panelas, registando preferência pela loiça de cozinha. O segundo, composto essencialmente por potinhos/púcaros, destaca a loiça de mesa. Na origem deste registo parece estar o critério de proximidade sedimentar que impera em qualquer aterro. A validade desta ilação será certificada pela funcionalidade das estruturas e compartimentos adjacentes, devendo os resultados da amostra cerâmica estar em sintonia com os valores de produção e critérios de utilidade.

N.º catálogo	N.º Inv.	Categoria morfológica	Fabrico
15	1169	Prato Covo	H2 (local)
16	1148	Prato Covo	I (local)
17	1161	Almofariz	C (local)
18	1179	Alguidar	E (não local)
19	1152	Alguidar	C (local)
20	1171	Panela	G (local)
21	1185; 1186; 1187	Pote/Panela	G (local)
22	1176; 1174	Pote/Panela	G (local)
23	1178	Pote/Panela	H2 (local)
24	1151	Pote/Panela	F (local)
25	1162	Pote/Panela	H2 (local)
26	1180	Pote	A (local)
27	1177; 1166; 1168, 1173	Pote	A (local)
28	1170	Pote	A (local)
29	1172	Pote	G (local)
30	1154	Pote	G (local)
31	1164	Pote	E (não local)
32	1160; 1165; 1167	Pote	F (local)
33	1182; 1183	Pote	G (local)
34	1184	Pote	G (local)
35	1190	Potinho/púcaro	B (local)
36	1194	Potinho/púcaro	B (local)
37	1193	Potinho/púcaro	B (local)
38	1192	Potinho/púcaro	B (local)
39	1188; 1189	Jarro	G (local)
40	1195	Jarro	G (local)
41	1191	Jarro	B (local)
42	1159	Bilha	E (não local)
43	1181	Fundo	O (local)

Figura 9 – Tabela síntese das características morfológicas e tecnológicas.

Catálogo

15 – AM nº 1169- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: H2 – cor: 2.5Y 6/1- prato covo)

16 – AM nº 1148- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: I – cor: 10YR 6/3- prato covo)

17 – AM nº 1161- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: C – cor: 10YR 7/4- alguidar)

18 – AM nº 1179- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: E – cor: 5YR 6/4- alguidar)

19 – AM nº 1152- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: C – cor: 10YR 7/4- alguidar)

20 – AM nº 1171- 2003 (Cerâmica comum – fabri-

co: G – cor: 10YR 7/3- panela)

21 a – AM nº 1185- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/4- pote/panela)

21 b – AM nº 1186- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/4- pote/panela)

21 c – AM nº 1187- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/4- pote/panela-)

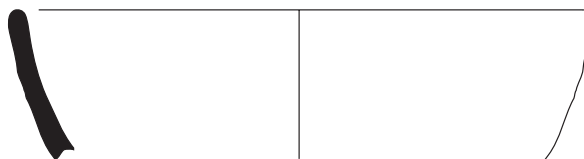
22 a – AM nº 1176- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 5YR 6/4- pote/panela)

22 b – AM nº 1174- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 5YR 6/4- pote/panela)

23 – AM nº 1178- 2003 (Cerâmica comum –

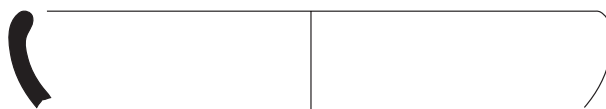
- fabrico: H2 – cor: 10YR 6/3- pote/panela)
- 24 – AM nº 1151- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: F – cor: 7.5YR 8/4- engobe? – pote/panela)
- 25 – AM nº 1162 – 2003 (Cerâmica comum – fabrico: H2 – cor: 10YR 5/4- pote/panela)
- 26 – AM nº 1180 v 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 7/4 - pote/panela)
- 27 a – AM nº 1166 – 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 6/4- pote)
- 27 b – AM nº 1168 – 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 6/4- pote)
- 27 c – AM nº 1173- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 6/4- pote-
- 27 d – AM nº 1177- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 6/4- pote)
- 28 – AM nº 1170- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: A – cor: 5YR 8/2- pote)
- 29 – AM nº 1172- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/4- pote)
- 30 – AM nº 1154- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 8/4- pote)
- 31 – AM nº 1164- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: E – cor: 5YR 5/6- pote)
- 32 a – AM nº 1160- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: F – cor: 10YR 7/3- pote)
- 32 b – AM nº 1165- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: F – cor: 10YR 7/3- pote)
- 32 c – AM nº 1167- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: F – cor: 10YR 7/3- pote)
- 33 a – AM nº 1182- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 8/3- pote)
- 33 b – AM nº 1183- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 8/3- pote)
- 34 – AM nº 1184- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/3- 20- 18- 2,5- pote)
- 35 – AM nº 1190- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: 84-B – cor: 7.5YR 6/4- potinho/púcaro)
- 36 – AM nº 1194- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: B – cor: 7.5YR 7/3- potinho/púcaro)
- 37 – AM nº 1193- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: B – cor: 7.5YR 7/4- potinho/púcaro)
- 38 – AM nº 1192- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: B – cor: 7.5YR 6/4- potinho/púcaro)
- 39 a – AM nº 1188- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 8/3- jarro)
- 39 b – AM nº 1189- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 8/3- jarro)
- 40 – AM nº 1195- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: G – cor: 10YR 7/4- jarro)
- 41 – AM nº 1191- 2004 (Cerâmica comum – fabrico: B – cor: 10YR 7/4- jarro)
- 42 – AM nº 1159- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: E - cor: 5YR 6/6- bilha)
- 43 – AM nº 1181- 2003 (Cerâmica comum – fabrico: O – cor: 5YR 5/4- fundo de base plana)

I. 1. Prato covo de bordo direito, lábio bifurcado espessado, parede tendencialmente recta ou levemente arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado



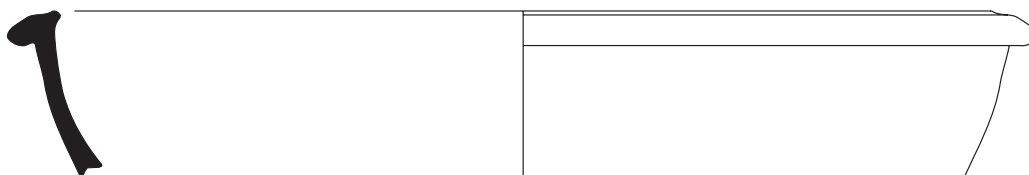
cc 15
(Ammaia 1169)

I. 2. Prato covo de bordo introvertido, lábio boleado reentrante, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado



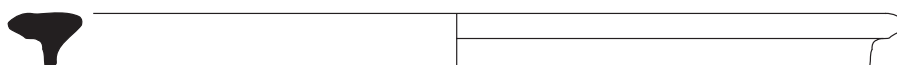
cc 16
(Ammaia 1148)

II. 1. Almofariz de bordo extrovertido formando aba horizontal por vezes pendente, lábio amendoado com ressalto em toro na orla superior, parede levemente arqueada, oblíqua, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado



cc 17
(Ammaia 1161)

III. 1. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal pronunciada, reentrante, lábio boleado com decoração incisa ondulada muito frequente, por vezes com sulcos, parede tendencialmente recta, com orientação praticamente vertical, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado

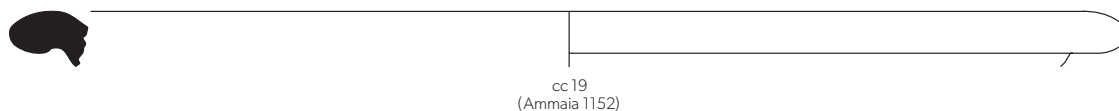


cc 18
(Ammaia 1179)

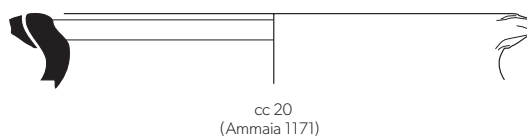


Figura 10 – Cerâmica comum.

III. 2. Alguidar de bordo extrovertido formando aba horizontal ligeiramente soerguida, lábio boleado por vezes biselado no remate, com colo na contracurva marcado por um rebaixo, parede arqueada, corpo de perfil troncocónico invertido, evasado

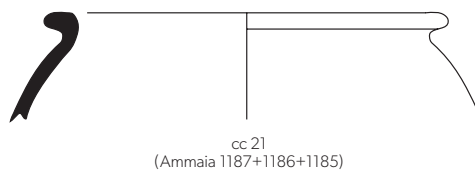


IV. 1. Panela de bordo extrovertido formando aba soerguida oblíqua por vezes contracurvada, lábio biselado, bifurcado ou boleado, pontualmente com caneluras a separar o bordo do colo ou dupla asa vertical a arrancar ao nível do bordo, colo com perfil em S formando garganta interna, indicia corpo de perfil envasado



Estacionamento 1

V. 1. Pote/Panela de bordo extrovertido formando aba horizontal, lábio boleado, direito ou afilado geralmente espessado, colo curto assinalado por forte inflexão, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal



V. 2. Pote/Panela de bordo extrovertido pronunciado formando aba côncava, lábio boleado, triangular ou direito, espessado, colo curto com inflexão acentuada, pontualmente com caneluras ao nível do colo e ombro, indicia corpo de perfil largo envasado

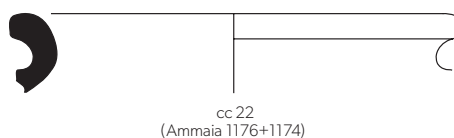
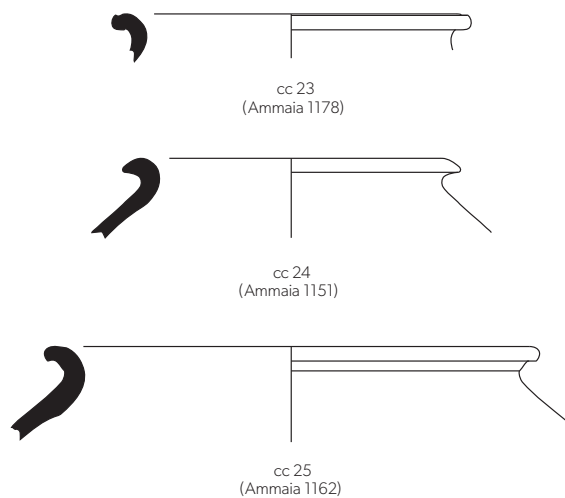


Figura 11 – Cerâmica comum.

V. 3. Pote/Panela de bordo extrovertido pronunciado, lábio boleado, triangular, direito ou semi-circular, frequentemente com leves depressões, colo curto com inflexão acentuada, indicia corpo de perfil largo envasado



VI. 1. Pote de bordo extrovertido, formando aba horizontal lábio boleado, amendoado ou biselado, colo na contracurva do bordo marcado por um rebaixo definido por um cordão liso, frequentemente seguido por bandas verticais ou oblíquas, brunidas ou incisas paralelas entre si, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, por vezes carenado, envasado, fundo de base plana e assentamento discoidal

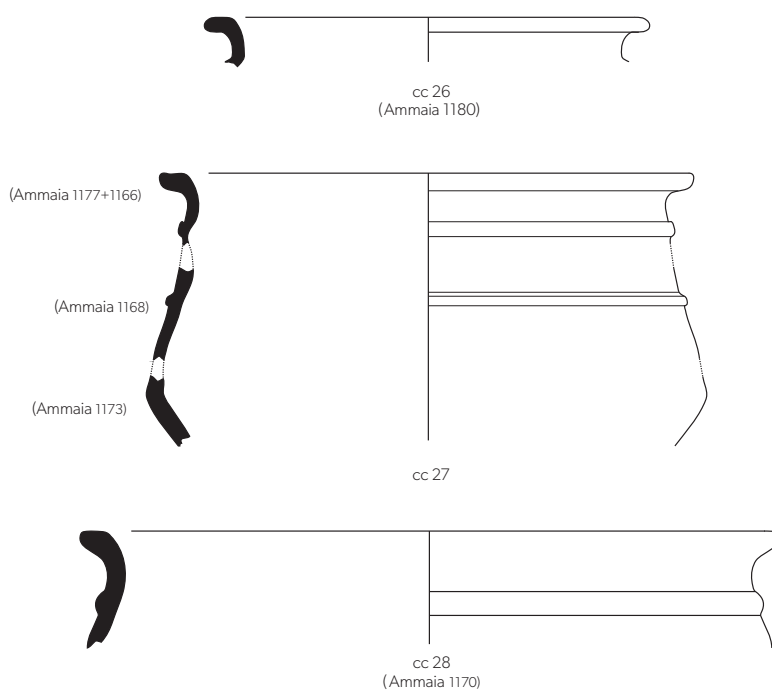
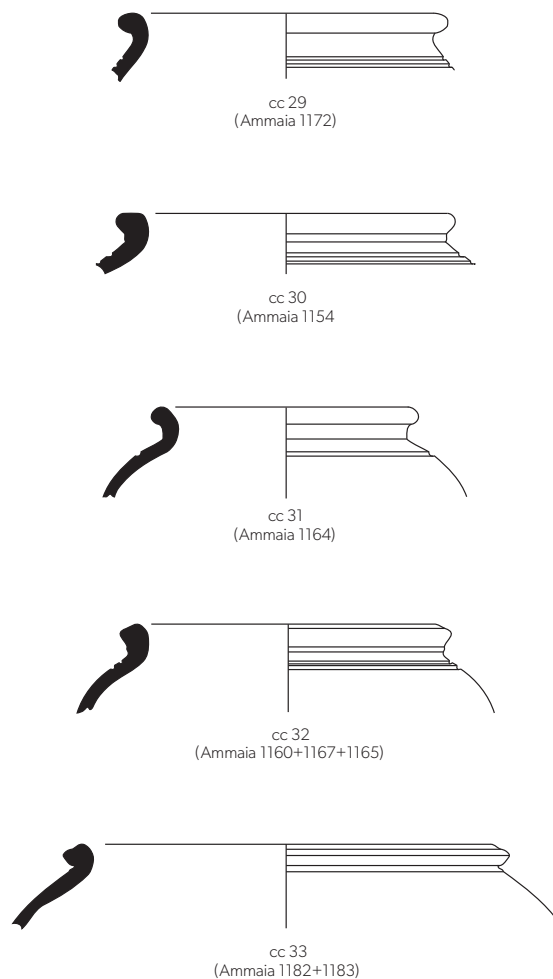


Figura 12 – Cerâmica comum.

VI. 2. Pote de bordo extrovertido, formando pequena aba por vezes soerguida, lábioboleado, biselado, semicircular ou triangular espessado, colo com inflexão leve, ombropor vezes assinalado com canelura ou dupla canelura, parede arqueada, indicia corpo de perfil envasado, ovoide com aperto na zona superior (?)



VI. 3. Pote de bordo introvertido, lábio boleado, com uma aparadeira ligeiramente soerguida a toda a volta, colo marcado por canelura, parede levemente arqueada, indicia corpo de perfil envasado

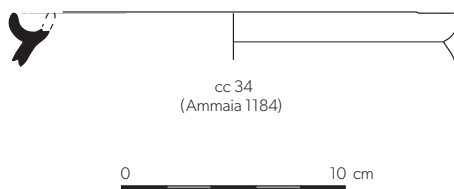
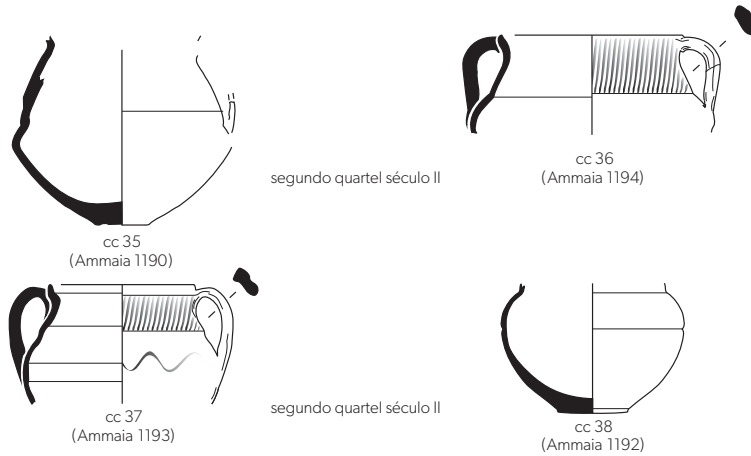


Figura 13 – Cerâmica comum.

VII. 1. Potinho de bordo extrovertido com aba oblíqua soerguida por vezes com ressalto, lábio afilado ou boleado, corpo com perfil ovoide com aperto na zona superior, formando estreitamento na garganta, moldura com curvatura saliente a separar o bojo do colo, geralmente com decoração ondulada polida ou esgrafitada de linhas onduladas no bojo e linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si localizadas entre o ombro e o colo, dupla asa vertical com arranque entre o bordo e o colo e prolongamento até ao bojo, fundo de base plana e assentamento discoidal ou em aresta, por vezes com leve canelura concêntrica



VIII. 1. Jarro de bordo extrovertido formando aba soerguida levemente espessado, bocal trilobado, formando estreitamento apertado na garganta, por vezes com caneluras entre o colo e o ombro, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior, fundo de base plana de assentamento discoidal

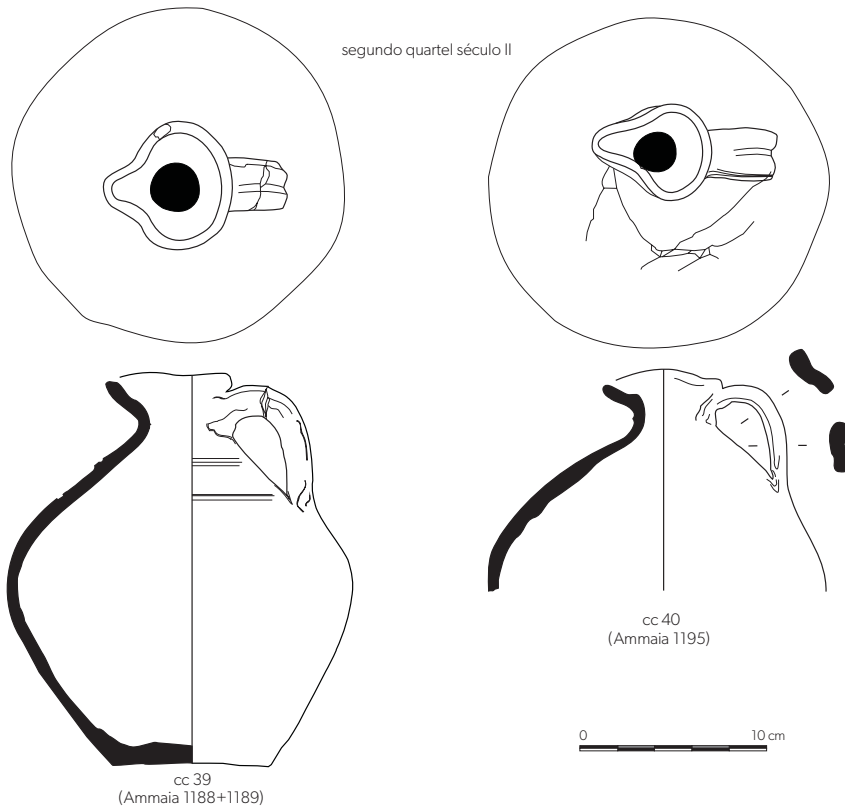
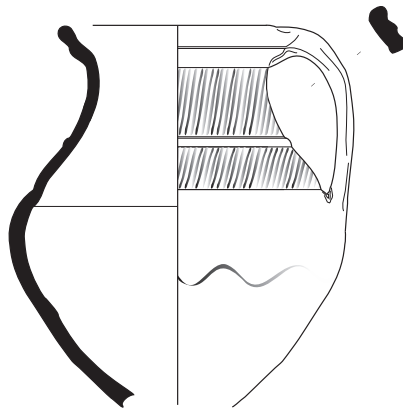
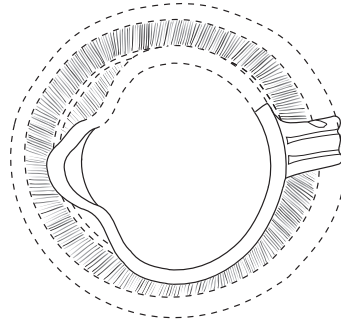


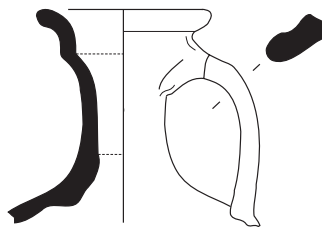
Figura 14 – Cerâmica comum.

IX. 1. Jarro de bordo extrovertido formando aba soerguida levemente espessado, bocal trilobado, formando leve estreitamento na garganta, cordão ao nível do ombro, geralmente com decoração entre o colo e o bojo de linhas oblíquas ou verticais paralelas entre si, asa vertical com arranque ao nível do bordo e prolongamento até ao bojo, corpo de perfil ovoide com aperto na zona superior



cc 41
(Ammaia 1191)

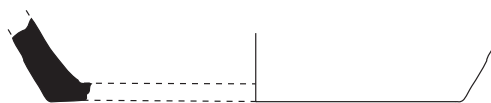
X. 1. Bilha de bordo extrovertido, com inflexão e ressalto formando dobra, lábio boleado ou amendoado, colo cilíndrico alongado formando L, asa vertical arrancando ao nível do colo com desenvolvimento até ao ombro, dupla ou tripla moldura muito leve, horizontal e paralela entre o colo e o ombro, por vezes regista moldura com curvatura no bojo, corpo de perfil ovoide, com aperto na zona superior, fundo de base plana ou côncava, de assentamento discoidal, levemente em aresta ou anelar com pé pouco desenvolvido



cc 42
(Ammaia 1159)



XI.1. Fundos (pratos/potes/potinhos ?) de base plana de assentamento discoidal



cc 43
(Ammaia 1181)

Figura 15 – Cerâmica comum.

5. REFLEXÃO FINAL

O presente caso de estudo é um extraordinário exemplo da importância que assume a análise dos materiais cerâmicos para a prática arqueológica. O hiato que permeia a escavação arqueológica e o estudo dos artefactos demonstra simultaneamente as dificuldades que envolve o trabalho arqueológico e a necessidade imperiosa do estudo dos espólios exumados.

Ao nível das cerâmicas finas, este contexto foi possível de datar com precisão graças a uma marca do oleiro *Valerius Paternus* entre 125 e 150 d.C. e a cronologia do século II era já apontada pela presença da *Hispanica 77*, igualmente de La Rioja. Mas todo o conjunto evidencia uma estatística tipológica bastante coerente com esta proposta de datação. A *terra sigillata* itálica e a sudgálica são já residuais e o domínio da produção hispânica é praticamente total e feito basicamente através dos oleiros de La Rioja, sendo Andújar perfeitamente secundário. Ao nível das lucernas, este contexto também revela a hegemonia de *Augusta Emerita*, centro produtor que domina intensamente o mercado alto-imperial ammaiese, tanto nesta tipologia como nas paredes finas (Quaresma, no prelo b). A ausência desta última tipologia leva-nos por isso a propor que já não seja produzida na capital provincial, nesta fase.

Como dissemos *supra*, a “normal” ausência de *terra sigillata* africana A (e de cerâmica africana de cozinha) nos contextos do interior peninsular, nesta fase (Quaresma, 2012), torna muito difícil a datação dos mesmos, quando os restantes espólios não são evidentes. O contexto ora apresentado revela também por isso uma importância extrema, pois permite-nos esboçar um quadro estatístico de referência para horizontes estratigráficos desta cronologia no interior lusitano, ou pelo menos nesta região em particular.

Na cerâmica comum, salienta-se a importância das ilações morfológico-funcionais, evidenciada essencialmente pela primazia da loiça de cozinha (potes, potes/panelas e panelas), nos quadrados A2 e A3, e pela predominância da loiça de mesa (potinhos/púcaros), nos quadrados Z 19, Z 21 e Z 22. Merece igualmente destaque, no contexto estrati-

gráfico, o fragmento de pote meleiro (nº 34), a consistente presença dos jarros de bocal trilobado (nº 39 e nº 40), bem como a prevalência da decoração polida, típica dos potinhos/púcaros (nºs 35, 36, 37) também no jarro, nº 41.

No que diz respeito às questões tecnológicas, confirma-se a expectável maioria dos fabricos locais. Todavia, foi possível detetar um fabrico não local (fabrico E).

Constata-se que, graças a boas práticas metodológicas, parte do espólio proveniente do aterro da vala foi estudado. Este feliz exemplo, que possibilita, passado uma década, a harmonização de informação urbanística e defensiva com dados cerâmicos provenientes das escavações, alerta para a necessidade do estudo dos espólios e do cumprimento rigoroso de metodologias, sob pena de se omitir e truncar informação válida, mesmo que devidamente armazenada.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M.; ALARCÃO, J. (1966) – *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*. *Conímbriga*, 5, p. 7-104.
- ALARCÃO, J. (1974) – *A necrópole do Monte do Farrobo (Aljustrel)*. *Conímbriga*, 13, p. 5-32.
- ALARCÃO, J. (1974) – *Cerâmica Comum local e Regional de Conímbriga*. (*Suplementos de Biblos*; 8). Coimbra.
- BAILEY, D. (1988) – *A catalogue of the lamps in the British Museum*. III (*Roman provincial lamps*). London.
- BUSSIÈRE, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie*. (*Monographies Instrumentum*; 16). Éditions Monique Mergoïl.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, M. (2010) – *Terra Sigillata hispânica tardia en Augusta Emérita (Mérida, Badajoz)*. *Valoración tipocronológica a partir de los vertederos del subúrbio norte*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidad de Cádiz. Edição policopiada.
- CASAS I GENOVER, J.; SOLE I FUSTÉ, V. (2006) – *Llànies romanes d'Empúries. Materiales augustals i alto-imperials*. Girona: Museu d' Arqueologia de Catalunya (*Monografies Emporitanes*; 13).
- CORSI, C.; et Al. (2013) – *Ammaia. A Roman town in Lusitania*. Évora: CIDEHUS/Universidade de Évora.
- DELGADO, M. (1968) – *Terra sigillata* clara de museus do Alentejo e Algarve. *Conímbriga*. 7, p. 41-66.

- DIAS, V. S. (2013) – Notícia sobre a cerâmica comum da cidade de *Ammaia*: almofarizes de importação bética. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., eds. – *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 821-825.
- DIAS, V. S. (no prelo) – A cerâmica de “engobe vermelho pompeiano: imitações. O caso de São Salvador de Aramenha. A cidade de *Ammaia*: Porta Sul. In *Actas do II Congresso Internacional de La SECAH – Ex Officina Hispania*. Braga: Ex Officina Hispania, 2013.
- ETTLINGER, E.; et Al. (1990-2002) – *Conspectus formarum terrae sigillatae italico modo confectae*. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GMBH (Materialien zur römisch-germanischen Keramik; Heft 10).
- FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1987) – Considerações preliminares sobre a cerâmica comum do acampamento militar da Lomba do Canho, Arganil. *Separata Da Pré-História à História, homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*, Lisboa, Editorial Delta, p. 287-308.
- GENIN, M.; et Al. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron)*. Vol. II (*Sigillées lisses et autres productions*). Aquitania: Éditions de la Fédération Aquitania.
- GUERRA, A. (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUERRA, A. (1996) – *Ammaia, Medobriga* e as ruínas de S. Salvador de Aramenha. Dos antiquários à historiografia actual. *A Cidade*. 11, p.7-33.
- MANTAS, V. (2000) – A sociedade luso-romana do município de *Ammaia*. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., coords. – *Sociedad y cultura en Lusitania romana. IV mesa internacional*. Mérida (*Série Estudos Portugueses*; 13), p.391-420.
- MANTAS, V. (2010) – *Ammaia e civitas igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos. In NOGALES BASARRATE, T., ed. – *Ciudad y foro en Lusitania romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (*Studia lusitana*; 4), p.167-188.
- MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l’histoire économique de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard. 2 vols.
- MORAIS, R. (2006) – Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar. In GARCÍA BORJA, P.; DOMINGO SANZ, I.; ROLDÁN GARCIA, C., eds. – *SAGVNTVM, Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia*. 38. Universitat de València, Facultad de Geografía I História. Valencia: Universitat de Valencia Departament de Prehistòria i d’Arqueologia, p. 149-161.
- MUNSELL (1994) – *Soil Color Charts*, edição revista. Nova Iorque: Macbeth Division of Kollmorgan Instruments Corporation.
- NEVES, J. C. (1972) – Uma colecção particular de materiais romanos de Aramenha. *Conímbriga*. 11. Coimbra, p. 5-34.
- NOLEN, J. U. S. & DIAS L. F. (1981) – A Necrópole de Santo André, Parte II. Os Materiais. *Conímbriga*. 20. Coimbra, p. 33-180.
- NOLEN, J. U. S. (1985) – *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança. Lisboa.
- NOLEN, J. U. S. (1988) – A *Villa* romana do Alto da Cidreira (Cascais). Os Materiais. *Conímbriga*. 17. Coimbra, p. 61-140.
- NOLEN, J. U. S. (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa, Incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- PASSELAC, M.; VERNHET, A. (1993) – Céramique sigillée sud-gauloise. *Latara*. 6, p. 569-580.
- PINTO, I. V. & SCHMITT A. (2010) – Cerâmica comum. In ALARCÃO, J.; CARVALHO, C.; GONÇALVES, A., coords. – *Castelo da Lousa: Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002* (p. 219-444) (*Studia Lusitana*; 5). Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.
- PINTO, I. V. (1999) – *A Cerâmica Comum de São Cucufate*. Partes I-IV. Dissertação de doutoramento, Universidade Lusíada, Lisboa, Portugal.
- PINTO, I. V. (2006) – A Cerâmica comum bética das villae romanas de São Cucufate: uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9. 1. Lisboa, p. 167-184.
- POLAK, M. (2000) – *South gaulish terra sigillata from Vechten*. Nijmegen (*Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta; supplementum* 9).
- QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Lisboa: UNIARQ (*Estudos e Memórias*, 4).
- QUARESMA, J. C. (no prelo a) – Les contextes stratigraphiques des *thermae* de *Ammaia* (Portugal): Ile-Ve siècles. *II Congreso internacional de la SECAH*. Braga, 3-6 de abril de 2013.
- QUARESMA, J. C. (no prelo b) – Contextos alto-imperiais de *Ammaia*, na *Lusitania*. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. – *La configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el sur de la Península Ibérica (siglos III d.C.)*. *Evolución tempo-espacial e implicaciones económico-culturales*.
- QUARESMA, J. C. (no prelo c) – Contextos alto-imperiais de Chãos Salgados, Santiago do Cacém (*Mirobriga?*), na *Lusitania*. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. – *La configuración de las facies cerámicas altoimperiales en el sur de la Península Ibérica (siglos III d.C.)*. *Evolución tempo-espacial e implicaciones económico-culturales*.

- QUARESMA, J. C. (no prelo d) – Cerâmicas finas e territorialidade no Baixo-Império e Antiguidade Tardia: o caso da *Ammaia* (São Salvador de Aramenha, Marvão). *I Congreso Internacional de la SECAH – EX OFFICINA HISPANA. Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania*. Cadis, 3 e 4 de Março de 2011.
- QUARESMA, J. C. (no prelo e) – *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão, Portugal): fine ware imports. In: CORSI, C.; VERMEULEN, F., eds – *Ammaia*. 2.
- QUARESMA, J. C.; DIAS, V. (no prelo) – Tendências de consumo na *Ammaia*, entre os séculos III e V d.C.. *1º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição. “Entre o Mundo Romano e a Idade Média”*. 3 a 5 de Maio. Universidade de Évora.
- RAUX, S. (1998) – Méthodes de quantification du mobilier céramique. État de la question et pistes de réflexion. In ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – *La quantification des céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beuvray (Glux-en-Glenne, 7-9 Avril 1998)*(Collection Bibracte; 2), p.11-16.
- ROCAROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002) – *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte (Monografías Emeritenses; 7).
- SAÉNZ PRECIADO, M. (1998) – El complejo alfarero de *Tritium Magallum* (La Rioja): alfares altoimperiales. In FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., ed. (1998) – *Terra sigillata hispánica. Estado actual de la investigación*. Universidad de Jaén (Colección Martínez de Mazas. Serie Estudios), p.123-164.
- SAÉNZ PRECIADO, M.; SAÉNZ PRECIADO, C. (1999) – *La terra sigillata hispánica altoimperial*. In ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra sigillata hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales*. Universidad de Jaén / Universidad de Málaga, p.61-136.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. Á. (1992) – Cerámica común romana de Mérida: estudio preliminar. *Serie de Arqueología Extremeña*. 3. Cáceres: Universidad de Extremadura.
- SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. Á. (1995) – Producciones importadas en la vajilla culinaria romana del Bajo Guadalquivir. In AQUILUÉ, X.; ROCA, M., eds. – *Cerámica comuna romana d’època Altoimperial a la Península Ibérica. Estat de la questió*. (Monografies Empuritanes; VIII). Empúries: Museu d’Arqueologia de Catalunya, p. 251-279.
- SANTOS, C. R. (2011) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- VERMEULEN, F. ; CORSI, C.; DE DAPPER, M. (2012) – Surveying the Townscape of Roman *Ammaia* in Portugal: An Integrated Geoarchaeological Investigation of the Forum Area. *Geoarchaeology: An International Journal*. 27, p.123–139.
- VERMEULEN, F.; et Al. (2005) – Geoarchaeological observations on the Roman town of *Ammaia*. *Internet Archaeology*. 19. (http://intarch.ac.uk/journal/issue19/corsi_index.html).
- VERMEULEN, F.; TAELEMAN, D. (2010) – From cityscape to landscape in Roman *Lusitania*: the *municipium* of *Ammaia*. In CORSI, C.; VERMEULEN, F. (eds.) – *Changing Landscapes. The impact of Roman towns in the Western Mediterranean (Proceedings of the International Colloquium, Castelo de Vide – Marvão 15th-17th May 2008)*. Bologna, pp.31.